



Capela de Picote 1955 – Arq.º Manuel Nunes de Almeida
– Vista da zona de entrada (Foto de época – Alvão)

Património arquitectónico moderno

Centrais hidroeléctricas do Douro Internacional

As três centrais hidroeléctricas realizadas nos anos 50/60, próximo da fronteira Portugal-Espanha no ponto onde o rio Douro entra em território português, constituem um acontecimento excepcional na história da arquitectura moderna e contemporânea a nível nacional e internacional.

João Archer de Carvalho (1928), Manuel Nunes de Almeida (1924) e Rogério Ramos (1927/1976), constituíram o grupo histórico dos arquitectos da Hidroeléctrica do Douro que, ainda antes da publicação dos resultados do inquérito à Arquitectura Popular em Portugal e, antes mesmo de uma consolidada referência à linguagem e materiais da tradição por parte da cultura arquitectónica portuguesa, experimentam concretamente com as suas obras as extraordinárias possibilidades formais da conjugação do moderno com a tradição local.

No espaço de cerca de um decénio (de 1953 ao início dos anos 60), estes três jovens arquitectos, ao introduzirem no grupo dos engenheiros da Hidroeléctrica do Douro a necessidade de discutir e decidir as

questões da intervenção no território desde o âmbito da disciplina da arquitectura, puseram em prática uma metodologia projectual que reconhece à componente arquitectónica e artística a importância primária da intervenção urbana, desde a fase inicial dos processos de transformação ambiental e de formalização dos espaços construídos.

O isolamento físico, político e cultural da região, manteve fora do debate arquitectónico, durante cerca de 40 anos, este extraordinário e importantíssimo episódio da arquitectura moderna portuguesa, que devidamente divulgado poderia ter produzido resultados ulteriores.

O primeiro Plano Quinquenal de Desenvolvimento (1953/58), no qual um dos objectivos prioritários é o aumento da pro-

dução de energia hidroeléctrica, constitui a ocasião de base para a construção deste esplêndido acontecimento arquitectónico. É elaborado um programa de intervenção articulado em duas fases: período de construção e período de gestão. A localização coincide com uma das áreas mais atrasadas do país. Condição difícil, dada a falta de infra-estruturas e mão-de-obra qualificada. São estas as premissas para construir em pouco tempo modernas estruturas de produção de energia e para criar condições atractivas para instalar a nova comunidade.

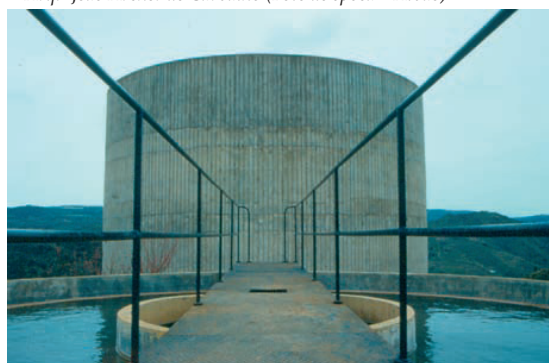
Em Picote, onde se iniciaram os trabalhos, as primeiras intervenções consistiram na realização de infra-estruturas para instalar as famílias do pessoal que iria trabalhar na construção. Isto é, casas e serviços



*Pousada de Picote -1954 - Arq.º Rogério Ramos
Vista da fachada Sul (Foto Cannatà & Fernandes)*



*Edifício de Comando de Bemposta - 1960
- Arq.º João Archer de Carvalho (Foto de época - Alvão)*



*Estação de tratamento de
água de Bemposta - 1959
- Arq.º Rogério Ramos
(Foto Cannatà & Fernandes)*

de apoio a cerca de 5000 pessoas. Traçam-se estradas, constroem-se casas provisórias, realiza-se a estação de tratamento de água, elabora-se o plano urbanístico para as estruturas definitivas.

É dada particular atenção aos aspectos paisagísticos e ambientais. São plantadas novas espécies arbóreas que passam a integrar as existentes e as plataformas naturais do terreno são utilizadas para a localização das estruturas residenciais, tendo como objectivo não só a máxima fruição da paisagem mas também evitar, em termos económicos, inúteis e destrutivos movimentos de terras.

Os arquitectos entrevêm a possibilidade de realizar uma das grandes aspirações do movimento moderno: “da colher à cidade”.

É a fase da procura de identidade e da crítica ao funcionalismo e ao estilo internacional. Tenta-se conjugar a tradição e o moderno para obter novos e coerentes efeitos expressivos. Materiais antigos encontram-

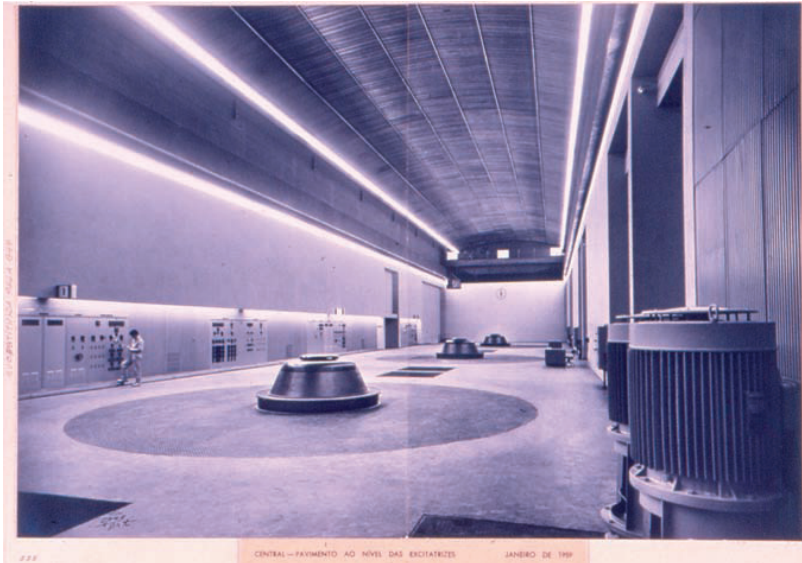
-se com os novos para gerar formas lógicas e funcionais capazes de enriquecer a qualidade espacial. O betão, o ferro e o vidro podem conviver e relacionar-se com o granito, a ardósia e a madeira. A nova tecnologia propõe-se superar os limites que a economia e as condicionantes locais impõem. A energia eléctrica assumida como símbolo vital moderno da sociedade em desenvolvimento, com a sua capacidade de transformação (iluminação, aquecimento, força motriz), permite superar os ritmos naturais. O artifício, mais uma vez, entra em competição com a natureza abrindo caminhos a novas imagens alternativas do universo das formas.

Grandes recursos são investidos na construção destas modernas estruturas produtivas. Os arquitectos, conscientes dos novos valores desencadeados por estas intervenções, exigem que a actuação da disciplina da arquitectura participe integralmente na concepção e formalização dos espaços. Os quais irão transmitir a mensa-

gem simbólica desta nova dimensão estética, que promete novas formas de libertação da escravidão do trabalho e das condicionantes naturais.

As obras de artes completam, enriquecem e valorizam os novos espaços. Desde o elemento escultural natural (a pedra modelada pela água colocada nos jardins da Pousada de Picote), aos quadros e esculturas encomendadas a numerosos artistas. É chamado o mestre Barata Feyo para realizar as três esculturas da capela (um Crucifixo, uma Nossa Senhora e uma S. Bárbara), e o Arq.º Pádua Ramos para realizar os objectos de culto litúrgico. Para a pousada, é encomendado um quadro - A Música - ao pintor Júlio Resende e uma escultura ao escultor Gustavo Bastos. O mobiliário é desenhado peça por peça, desde a pia baptismal da capela à cruzeta do guarda-roupa da pousada.

Em Miranda do Douro, a presença de um centro urbano preexistente constitui mais uma condicionante com a qual os arquitect-




Central subterrânea de Picote – 1954 – Arq.º João Archer de Carvalho
(Foto de época – Alvão)



Central subterrânea de Miranda do Douro – 1958
– Arq.º João Archer de Carvalho (Foto EDP)

tos se confrontam. Miranda é uma pequena cidade rica de monumentos históricos, mas com insuficientes equipamentos urbanos. Além de se construírem os serviços primários para o pessoal directamente ligado à construção, são realizados, quase como se tratasse de uma indemnização à cidade, um conjunto de infra-estruturas e equipamentos para toda a comunidade. A central subterrânea de Miranda é, sem dúvida, das três, a que apresenta uma complexidade construtiva e espacial mais rica. Funcionalidade, plasticidade, economia e integração de elementos dirigidos à concretização de melhores condições de trabalho são os elementos do projecto. Um grande volume caracterizado pelos materiais construtivos, pela tipologia de iluminação artificial e pelo desenho dos elementos estruturais. Bemposta é o último dos aproveitamentos do Douro Internacional a realizar na zona atribuída a Portugal. A linguagem e a volumetria das casas definitivas para o pes-

soal especializado são o resultado de uma grande investigação da articulação volumétrica e tipológica do conjunto e da atitude adoptada no estudo de integração destas com o terreno, construindo deste modo soluções inovadoras no modo de habitar em Portugal. A estação de tratamento de água, com os dois cilindros em betão, representa uma obra de síntese volumétrica de grande valor arquitectónico quer pela sua inserção na paisagem, quer pelo uso do betão aparente, quer pela integração das infra-estruturas no espaço arquitectónico, como é o caso do sistema de aquecimento na estrutura da caixilharia de aço. A decisão do Instituto Português do Património Arquitectónico de abrir, em Maio de 2002, um procedimento para a classificação do Conjunto da Barragem de Picote como património confirma a importância e a qualidade das intervenções que, por quase 50 anos, ficaram fora dos circuitos culturais.

Reconhecer o valor do conjunto e não só de alguns edifícios permite acrescentar à qualidade arquitectónica destes a grande qualidade urbanística e paisagística, constituindo uma referência incontornável pelas disciplinas com intervenção no território e na relação artifício/natureza. 

Bibliografia:

- ABITARE n.º 338, Março 1995.
- *Confidências para o exílio* n.º 4, Novembro 1995
- CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima, *Moderno Escondido, Arquitectura das Centrais Hidroeléctricas do Douro 1953-1964, Picote, Miranda, Bemposta*, FAUP publicações, Porto, 1997.
- BEKER, A., TOSTÕES, A., WANG, W., *Arquitectura do Século XX – Portugal, Alemanha, Portugal*, Frankfurt 97, SA, Lisboa, Deutsches Architektur-Museum, Frankfurt am main, Prestel-Verlag, München-New York, 1998.

MICHELE CANNATÀ
e FÁTIMA FERNANDES,
Arquitectos